

## ■ COMENTÁRIOS &amp; PERSPECTIVAS

Economia Brasil

## Uma realidade desconhecida

Maria Clara R. M. do Prado



Poucos tinham condições de prever ainda em meados de janeiro a rapidez do processo de substituição de importações que se seguiu à desvalorização cambial.

Não é para menos.

Afinal, o próprio governo utilizou-se do argumento da competitividade e da modernização para justificar a política de câmbio sobrevalorizado.

Era preciso induzir as empresas dentro do País a melhorar suas condições de produção. Só a presença de um produto estrangeiro de boa qualidade e preço mais baixo conseguiria chacoalhar a estrutura produtiva do País.

Mas ocorre que ninguém, a rigor, tinha condições de saber a priori o momento em que, a bem do País, poderia ser dispensada a bengala do câmbio.

É cedo para afirmações categóricas. A coordenadora do caderno de empresas deste jornal, Cida Damasco, chama atenção para o fato de que “é tudo ainda muito frágil”. Mas há sinais e indícios consistentes de retomada do processo de investimentos, mirando tanto a exportação como o mercado doméstico.

Observa-se agora um processo de substituição de importações diferente daquele que marcou as décadas de 50 e de 60.

O encarecimento do produto importado tende a fazer com que as empresas internacionais aqui instaladas tragam para dentro do País seus fornecedores estrangeiros. A mercadoria será produzida aqui dentro ao invés de ser adquirida lá fora.

No caso do setor de autopeças, recentemente contemplado com uma linha do BNDES que poderá financiar até 80% do valor do investimento, o processo de substituição de importações é típico. Tem a ver, nitidamente, com a mudança de relacionamento na cadeia produtiva dos automotivos.

É claro que, aqui, o País beneficia-se não só porque o dólar ficou mais caro. Tira proveito também do abismo que separa hoje as políticas cambiais brasileira e argentina.

Quem estava pensando em ir para o lado de lá para vender mais barato no Brasil obviamente mudou de idéia. Está propenso agora a instalar-se em solo brasileiro.

Esse é um lado da questão.

O outro é a diversificação de locais escolhidos pelas montadoras nos últimos quatro anos para instalarem suas plantas no País. Os novos fornecedores seguirão os mesmos passos. A região do ABC jamais voltará a ser o centro da produção automobilística nacional que foi no passado.

“Um carro de até mil cilindradas era pro-

duzido com até 90% de peças importadas, já os carros de tamanho médio valiam-se de 50% a 60% da importação”, informa Angela Medeiros, gerente setorial do BNDES para a área automotiva e de autopeças.

O superintendente da área de operações industriais II, Jorge Calafi, lembra que além de a importação ter ficado mais cara torna-se mais vantajoso para as montadoras ter a produção de autopeças dentro do País por questão de logística.

Há setores que terão ainda de passar por amplo processo de reestruturação para tornarem-se competitivos no exterior. Petroquímica, papel e celulose e siderurgia estão entre eles. Por isso mesmo terão do BNDES uma atenção especial este ano.

Mas o que já aconteceu internamente em outras áreas em termos de modernização já ajudou a mudar a cara do País.

“Quem costuma resumir o Plano Real à estabilidade da moeda ignora a profundidade da reestruturação produtiva que já passamos e que ainda vamos passar”, diz Lidia Goldenstein, que largou recentemente o BNDES para trabalhar com José Roberto Mendonça de Barros na consultoria MB Associados.

De fato, a dinâmica macroeconômica mudou. Há no País hoje, por exemplo, uma nova estrutura da indústria de varejo. É nítida a racionalidade que tomou conta das relações dos supermercados com seus fornecedores.

Também houve avanços consolidados na indústria têxtil, de calçados e de cimento, para citar algumas.

Até mesmo o setor de eletroeletrônicos, um dos mais afetados pela recessão e muito dependente da importação, tende a ajustar-se à nova realidade.

“É o setor que mais tem ISO9000 no País, produz hoje com a metade de funcionários que tinha no passado e diria mesmo que a produtividade por empregado, no agregado, deve ter dobrado”, avaliou para a coluna o economista Roberto Macedo, ex-presidente da Eletros, a associação de produtores do setor.

Há problemas na linha marrom (televisores, videocassete, DVD) porque é uma área extremamente ligada ao avanço tecnológico. Para competir no exterior, é preciso que se invista mais.

São sinais de que o País já atravessava uma dinâmica nova em matéria de estrutura produtiva. Com a mudança cambial, e tendo sempre em mente que não se cogita fechar a economia, vislumbra-se a perspectiva de novos investimentos em plantas modernas e mais bem aparelhadas.

Lidia Goldenstein acha até que a reestruturação ocorrida nesses últimos anos — e que levou a um aumento de produtividade industrial — ajuda a explicar os índices mais moderados de inflação que se observa a despeito das previsões mais pessimistas.

Ontem mesmo alguns consultores já trabalhavam com a hipótese de inflação anual de 10% para os IPC e de 14% para o IGP.

Não dá para saber por enquanto se a causa de um cenário mais promissor está mesmo no nível de reestruturação por que teria passado o setor produtivo do País.

Há quem prefira relacionar as taxas mais baixas de inflação com a queda da atividade econômica. Mas há indicações de que algo de mais profundo ocorreu na economia do País sem que se saiba medir a mudança.

Muita gente está surpresa. Temia que a desvalorização jogaria o País nas mazelas do passado. Parece, porém, que o velho paradigma das carroças não tem volta.

Oswaldo Assis Filho, do Banco Pactual, lembra que era esperada uma simetria entre o nível da desvalorização do real e a taxa de inflação.

“Se não é simétrico é porque um fenômeno relacionado à reestruturação produtiva pode estar presente”, raciocina ele, sem ter também idéia do grau em que foi afetado o sistema de produção do País.

Apenas lança uma questão: “suponha que seja essa beleza, inflação não vindo e um PIB caindo menos, então é de se perguntar por que não se fez antes (a desvalorização cambial)?” ■

(Esta coluna sai todas as terças, quintas e sextas-feiras)